

Exploração da 'baianidade' serve para reforçar imagem

Pefelista usou erros da oposição e identidade regional para fixar liderança no Estado

Entre as duas razões menos freqüentemente citadas para explicar a longa duração do carlismo estão os erros da oposição e a exploração mais sutil da chamada "baianidade", sentimento que o senador Antonio Carlos Magalhães usou para fixar e reforçar sua imagem dentro e fora da Bahia. Para o professor Albino Rubim, sem esses fatores o carlismo talvez nem sobrevivesse até os dias atuais.

Ele lembra que ACM perdeu três eleições municipais em Salvador: Em 1985 para Mário Kértész (PMDB), em 1988 contra Fernando José (PMDB) e em 1992, diante de Lídice da Matta, então filiada ao PSDB. Mais grave do que isso, acrescenta Rubim, o carlismo teve sua maior derrota em 1986, com a esmagadora vitória do hoje deputado federal Waldir Pires (PT), que disputou o governo pelo PMDB. "A

manipulação da mídia e do Judiciário contra esses governos não pode ser desconsiderada, mas o fato é que todos tiveram desempenho bastante aquém das expectativas", pondera.

Lídice se defende. "Ele usou todo o seu poder para sabotar minha administração. Cada vez que recapeávamos uma rua, ele abria um novo buraco", lembra. "Quando descobria um projeto nosso, desapropriava a área antes, fazia a obra e ficava com todo o crédito." Seja como for, o governo Lídice acabou tão impopular que, em 1992, pela primeira vez ACM conseguiu eleger (e depois reeleger) um prefeito na capital: Antônio Imbassahy.

A maior derrota do anticarlismo, porém, foi provocada pela saída precoce de Waldir Pires do governo. Em 1989, dois anos depois de assumir, ele se licenciou para se candidatar à vice-presidência na chapa de

Ulysses Guimarães. Seu sucessor, Nilo Coelho (PMDB), fez um governo tão desastrado que ACM voltou, em 1990, mais fortalecido do que nunca.

"Quando Waldir ganhou o ACM nem podia sair na rua", recorda Kértész, hoje um dos radialistas mais populares de Salvador. "Apesar do uso da mídia e da Justiça é preciso admitir que a oposição a Antonio

ACM
CAPITALIZOU
AUTO-ESTIMA
DO BAIANO

Carlos sempre foi incompetente", reconhece o ex-prefeito. "Acho seus métodos execráveis, mas ACM foi competente, obstinado e ousado para vender a imagem de líder da Ba-

hia e nós nunca tivemos capacidade para enfrentar isso."

Da mesma forma, a oposição também parece não ter compreendido toda a sofisticação do esquema carlista. Para Rubim, isso vai desde o aproveitamento oportunista de uma nova identidade dos baianos até um relacionamento no

limite da promiscuidade com jornalistas do centro do País. "ACM tornou-se fonte oracular de grandes veículos de comunicação e virou uma figura quase intocável na mídia nacional", sustenta o pesquisador.

Descoberta – Nesse campo do marketing, a grande descoberta de ACM, segundo Rubim, foi perceber a explosão do movimento negro, que começou com o desfile do bloco Ilê Aiyê (proibido para brancos), em 1975, explodiu com o Olodum nos anos 80 e culminou com o sucesso nacional da música axé nos anos 90.

"ACM conseguiu capitalizar isso e explorar a auto-estima do baiano, que às vezes é insuportável", admite Rubim. "Foi por essa tangente que conquistou figuras como Gal Costa e Zélia Gattai. Elas não dependem do carlismo, como artistas menores, e também não devem apoiar seus métodos, mas acabaram sucumbindo à baianidade. Um baiano pode falar horrores do seu Estado, mas quando chega alguém de fora, ele pára na hora." (S.B.)